

Teletrabalho: Os Riscos e Oportunidades da Externalização Virtual

Lisboa, 12 de Junho de 2021 - O teletrabalho surgiu como uma nova norma durante a pandemia Covid-19. À medida que nos afastamos da crise, esta mudança cultural poderia permitir às empresas localizadas em países desenvolvidos contratar talentos a trabalharem em teletrabalho em países emergentes, para reduzir os seus custos laborais. A Coface estima que o número total de postos de teletrabalho em economias de elevado rendimento é de cerca de 160 milhões, enquanto o número de potenciais trabalhadores em teletrabalho em economias de baixo e médio rendimento é de cerca de 330 milhões. A Coface estima também que as empresas francesas poupariam 7% nos custos de mão de obra, mesmo que apenas um em cada quatro postos de teletrabalho fosse externalizado.

Para as economias emergentes, esta potencial realocação virtual poderia tornar-se um pilar de desenvolvimento. Para identificar os prováveis vencedores desta tendência, a Coface construiu um indicador baseado em quatro critérios essenciais: capital humano, competitividade do custo da mão de obra, infraestrutura digital e ambiente empresarial. O Sudeste Asiático destaca-se como uma região com elevado potencial, nomeadamente a Índia e a Indonésia; assim como outros grandes países emergentes como o Brasil e a Polónia.

No entanto, o externalização virtual poderia criar ansiedade económica entre trabalhadores de economias maduras e tornar-se uma fonte de risco político.

A tentação da externalização virtual

Durante as últimas décadas, a externalização da atividade industrial e o aumento das cadeias de abastecimento globais têm sido um dos principais motores do crescimento da produtividade. No entanto, no decorrer dos anos, estes ganhos de produtividade e eficiência têm vindo a diminuir.

Para continuar a aumentar a competitividade e a reduzir os custos, as empresas podem ser tentadas a realocar outros serviços e atividades intensivas e de conhecimento para países com menores custos de mão de obra, como foi o caso no passado com serviços de Tecnologias de Informação (TI) e centrais de atendimento (call centres). A Coface estima que as empresas francesas economizariam 7% nas despesas de mão de obra, mesmo que apenas um em cada quatro postos de teletrabalho fossem externalizados.

Com a pandemia Covid-19, na Europa, quase 40% da força de trabalho comprometeu-se a trabalhar regularmente à distância durante o primeiro confinamento, no segundo trimestre de 2020. Favoravelmente surpreendidas com a produtividade dos seus trabalhadores, as empresas são cada vez mais atraídas pela ideia de uma força de trabalho virtual parcialmente globalizada. Nos Estados Unidos da América, a percentagem de empresas dispostas a contratar trabalhadores em teletrabalho a tempo inteiro localizados no estrangeiro, aumentou para 36%, contra 12% antes da pandemia.

Quantos empregos são possíveis em teletrabalho? Quantos podem ser externalizados?

Quanto mais uma economia se baseia em atividades de serviços intensivos e de conhecimento, mais a sua força de trabalho pode trabalhar remotamente. Num inquérito aos trabalhadores americanos realizado em Outubro de 2020, **62% dos inquiridos com formação universitária disseram que o seu trabalho podia ser feito à distância**. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, **apenas 13% dos empregos nos países emergentes são por teletrabalho, contra 27% nos países ricos**.

No entanto, **isto não significa que todos os empregos possam ser virtualmente externalizados. Muitas tarefas requerem presença parcial no local**, contacto pessoal com os clientes ou uma boa compreensão da cultura local.

Para os países ricos, **a externalização virtual poderia tornar-se uma fonte de risco político**, da mesma forma que a desindustrialização contribuiu para o populismo. As pressões da concorrência global podem provocar ansiedade económica entre trabalhadores altamente instruídos, alimentando a polarização política.

Finalmente, alguns países emergentes estão melhor posicionados do que outros para atrair investimentos de externalização virtual. Para identificar os prováveis vencedores desta tendência, a Coface construiu um indicador baseado em quatro critérios essenciais: capital humano, competitividade do custo da mão de obra, infraestrutura digital e ambiente empresarial. Países como a Índia, a Indonésia ou o Brasil têm um grande número de potenciais trabalhadores e despesas de mão de obra muito baixos. Outros, como a Polónia, oferecem um excelente ambiente empresarial e uma infraestrutura digital robusta. Enquanto a China e a Rússia seriam, em teoria, destinos virtuais ideais para a externalização, **as crescentes tensões geopolíticas e as questões de cibersegurança para com o Ocidente serão um obstáculo significativo**.

CONTACTOS

Claudia MOUSINHO - T. (+351) 211 545 408 – E. claudia.mousinho@coface.com

For Trade. Soluções de seguro de crédito para reforçar o seu negócio.

Com 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação. Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. A Coface ajuda as empresas na tomada de decisões de crédito. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2020, a Coface empregou 4.450 pessoas e registou um volume de negócios de €1.45 bilião de euros.

<http://www.coface.pt>

COFACE SA é cotada no Compartimento A da Euronext Paris
Código ISIN: FR0010667147 / Mnemónico: COFA

